

Esforços para preservar acordo

Síndia Ext

por Paulo Sotero
de Washington

As negociações entre o Brasil e seus credores pareciam ter sido colocadas numa espécie de limbo, no final da semana passada, enquanto prosseguia a busca de um caminho capaz de preservar o acordo preliminar de novembro e viabilizar um reescalonamento da dívida. O sinal mais visível desse esforço foi a decisão do presidente do Banco Central, Fernando Milliet, de retornar ao Brasil no sábado, dia 16, para consultas, depois de um encontro que teve, na sexta-feira, em Washington, com o secretário do Tesouro-adjunto para Assuntos Internacionais, David Mulford, e com o assessor jurídico do Federal Reserve Board, Michael Bradfield.

Milliet explicou sua ida a Brasília afirmando que segunda-feira, dia 18, é feriado nos EUA (dia de Martin Luther King) e não haveria, portanto, com quem conversar. Seu programa de viagem, quando partiu para Nova York, no início da semana passada, previa, contudo, que ele estaria de volta a Brasília somente na terça-feira, e não no domingo. O presidente do BC indicou que regressará aos EUA após as conversas que terá com o mi-

nistro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega.

No governo americano, a viagem de Milliet a Brasília, para consultas, era vista com esperança. Washington acredita que ainda não se chegou a um impasse e que a moldura de negociação armada em novembro passado, para tirar o País da moratória, pode ser preservada. Para que isso aconteça, acredita, porém, o governo brasileiro terá de assumir algum risco e "fazer um gesto" aos credores. Um primeiro gesto poderia ser, por exemplo, a retomada imediata do pagamento de 40% ou metade dos juros. Claramente, contudo, a mensagem de Washington que Milliet levou em sua bagagem é que o poder de superar as atuais dificuldades está no Brasil.

Milliet fez pelo menos duas coisas, na sexta-feira, que não estavam no seu programa. Depois do encontro com Mulford, ele concedeu uma entrevista coletiva à imprensa, na sede da embaixada do Brasil em Washington. Antes de partir do Brasil, e, na véspera, aos bancos, ele reclamara de vazamentos de notícias publicadas e disse-
ra que não falaria com a imprensa.

O presidente do BC reafirmou a posição do gover-

no brasileiro de voltar a pagar os juros de 1988 somente mediante um empréstimo dos bancos, a ser armado no contexto de um acordo de médio prazo com os bancos ou fora dele. Milliet disse que não tinha conhecimento de nenhuma iniciativa do governo brasileiro para envolver os credores oficiais num empréstimo-ponte.

Na entrevista, Milliet disse que o Brasil deseja que as negociações caminhem rapidamente e notou que as conversações a nível técnico já estavam em andamento em Nova York. Admitiu, contudo, que "se o Brasil permanecer por um tempo indefinido, sem ter um acordo, volta-se a colocar o problema da reclassificação" dos empréstimos que os

(Continua na página 14)

Os Estados Unidos vão sugerir ao FMI que libere à Argentina a última parcela de US\$ 225 milhões do crédito "stand-by", negociado em outubro, apesar do não cumprimento das metas estabelecidas. Esse apoio de Washington foi obtido pelo ministro da Economia, Juan Sourrouille, após informar que o país poderia suspender o pagamento dos juros.

(Ver página 2)